

Brasil não deve ser imediatista

KOTARO HORISAKA *

Tóquio — O carnaval do Rio jamais foi notícia impressionante para o povo japonês. Mas sim, a minimização do maior país devedor do Terceiro Mundo. Não falta o nome "Brasil" todos os dias em jornais e o encontro do ministro Funaro com o ministro da Fazenda japonês, Kitchi Miyazawa foi a primeira notícia do dia em TVs.

Para nós, japoneses, não é tão difícil de imaginar o sofrimento do povo brasileiro se nos recordarmos a oscilação tremenda da economia após a Guerra. E foi bastante compreensível que o governo civil brasileiro procurou o crescimento econômico via expansão de mercado doméstico.

Mesmo que o Japão seja considerado o maior exportador do mundo, a principal locomotiva do nosso crescimento até o fim da década de 60 foi sempre o mercado interno. Os coeficientes de exportação/PIB

eram em torno de 10%. O país que tem a população de mais de 1 bilhão não pode descartar a opção de mercado interno e é certamente uma vantagem de ter um mercado potencial dentro do próprio território na época em que o protecionismo ronda mundialmente.

A nossa experiência mostra que o crescimento naquela época foi interrompido em cada quatro ou cinco anos pela brecha de balanço de pagamento, o que o Brasil não sentiu sensivelmente durante a década de 70 pela facilidade de obter o financiamento externo. No caso japonês, a brecha de balanço de pagamento era sempre considerada como um sinal importante e até útil para o ajustamento de estrutura econômica e política econômica. As dificuldades que o povo brasileiro enfrenta hoje podem se tornar a "chance" para recompor a estratégia de crescimento.

Dentro deste contexto, eu gostaria de enfatizar: (1) reduzir o tama-

nho de novo empréstimo externo ao mínimo possível; (2) precipitar a reforma econômica que possa suprir o financiamento industrial de longo prazo internamente; (3) concretizar o consenso de auto-reconstrução da própria economia, e espero que os brasileiros não procurem a solução imediatista.

O sr. Yo Kurosawa, vice-presidente do Banco Industrial do Japão, um dos maiores credores japoneses, disse recentemente ao jornal Nihon Keizai Shimbun (jornal econômico do Japão) que, "com o novo empréstimo em si não resolve e agrava ainda mais a situação dos países devedores, precisamos procurar meios de solucionar conforme a capacidade de reembolso dos devedores". O pensamento dele é que deve ser ainda minoritário. Mas há possibilidade de ter entendimento entre ambos os lados.

(*) Professor assistente de Estudos de Assuntos da América Latina da Universidade Sophia em Tóquio.